

## **CHICO REI: DE ARINOS AO MOVIMENTO NEGRO**

### **CHICO REI: FROM ARINOS TO THE BLACK POWER MOVEMENT**

Silnara K. S. Faustino<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Para falar de Chico Rei é necessário falar também sobre o congado e as irmandades de homens de cor. Chico Rei é um lendário rei negro, trazido como escravo ao Brasil, e levado para trabalhar nas minas das Gerais. Se fez bom escravo e com muito trabalho comprou sua alforria. Liberto, comprou sua própria mina e se dedicou a extração de ouro para a compra de alforrias de outros negros cativos. Figura mitológica, narrada como o construtor da Igreja de Santa Efigênia no Alto da Cruz de Vila Rica, como confrade da Irmandade do Alto Cruz e devoto de Nossa Senhora do Rosário e dos santos negros católicos. Citado em obras desde o início do século XX, se torna figura presente em citações que tratam da tradição mineira e seu folclore. Passa pelo movimento modernista como fonte de valorização do patrimônio cultural e histórico de Ouro Preto. É Rei do congado e protagonista da narrativa de muitos congadeiros mineiros. Objeto de pesquisa de alguns historiadores, presente nos trabalhos de folcloristas e símbolo de resistência em movimentos sociais de valorização e resistência negra atualmente. Não se trata se Chico Rei existiu ou não, mas de que forma sua “existência” permanece nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chico Rei. Congado. Movimento Negro.

#### **ABSTRACT**

To speak of Chico Rei it is also necessary to talk about the congado and the brotherhoods of colored men. Chico Rei is a legendary black king, brought as a slave to Brazil, and taken to work in the state of Minas Gerais. He became a good slave and with a lot of work bought his alforria. Liberto bought his own mine and devoted himself to extracting gold for the purchase of alforrias from other captive blacks. Mythological figure, narrated as the builder of the Church of Santa Ephigenia at the Top of the Cross of Vila Rica, as colleague of the Brotherhood of the High Cross and devotee of Our Lady of the Rosary and the catholic black saints. Cited in works since the beginning of the 20th century, he became a figure present in quotations that deal with the tradition of Minas Gerais and its folklore. It passes through the modernist movement as a source of appreciation of the cultural and historical heritage of Ouro Preto. He is king of the congado and protagonist of the narrative of many constables from Minas Gerais. Object of research by some historians, present in the works of folklorists and symbol of resistance in social movements of valorization and black resistance nowadays. It is not whether Chico Rei existed or not, but how his "existing" remains today.

**KEYWORDS:** Chico Rei. Congado. Black Movement.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de bacharelado em História, Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail [nanafaustino@gmail.com](mailto:nanafaustino@gmail.com)



## 1. CHICO REI: O MITO, O CONGADO E AS IRMANDADES DE “HOMENS DE COR”

As explicações para as origens do congado em Minas Gerais ligam o ritual ao aparecimento de Nossa Senhora do Rosário em uma gruta, mata ou barreiro, no período da escravidão e o papel de um rei africano conhecido por Chico Rei, figura muito conhecida em Vila Rica, Minas Gerais. (SILVA, 2007, p 45).

Tratar sobre Chico Rei sem passar pelo congado e vice-versa é improvável. Segundo Rubens da Silva (2007)<sup>2</sup>, a partir de narrativas historiográficas, o congado tem sua origem, por volta do século XVIII. Os denominados “reis de nação” eram africanos escravizados, escolhidos pelo seu grupo para representar suas nações de origem nas festas em devoção aos santos católicos, dentro das irmandades de “homens de cor”. Essas festas contavam com a incorporação de batuques, danças e cantos em seus rituais. Permito-me então inferir que, através deles, ocorria um compartilhamento de crenças, saberes e valores herdados por antepassados e uma reprodução simbólica da estrutura social vivida ou conhecida antes da diáspora.

As chamadas irmandades de “homens de cor” ou de “homens pretos” eram organizações religiosas, respaldadas pela igreja católica, formadas por homens e mulheres africanos e descendentes, cativos e forros, unidos em prol da devoção aos santos católicos. No segundo momento, é possível perceber nessas irmandades, como discorre Anderson de Oliveira (2013), o “papel de construir uma identidade social positiva em meio às agruras dos negros em uma sociedade escravista”.

Essas Irmandades em Minas Gerais, bem como as de muitas regiões brasileiras, concentravam forte devoção a Nossa Senhora do Rosário, Virgem protetora dos negros e a São Benedito e Santa Efigênia, essa motivada pela identificação com esses dois santos negros (SILVA, 2007, p. 45).

Surgem menções a Chico Rei dentro da historiografia brasileira a partir do século XX, bem como na literatura brasileira no decorrer desse mesmo período. Entretanto, os materiais de pesquisa a respeito de Chico Rei, tanto como figura mitológica do folclore mineiro, quanto como um homem na história de Minas, ainda são limitados. Chico Rei tem forte presença no

---

<sup>2</sup> Rubens Alves da Silva, em 2007, escreve Chico Rei Congo do Brasil, no livro “Imaginário Cotidiano e Poder: Memória afro-brasileira”, de Vager Gonçalves da Silva.



imaginário dos congadeiros, traduzidos em narrativas folcloristas do congado. Aparece também, a partir da década de vinte, em obras de renomados autores como forma de valorização do patrimônio cultural mineiro, e até mesmo na ressignificação de sua figura em movimentos sociais de valorização do negro atualmente.

Para a construção deste artigo foi realizada seleção de autores que trataram a temática Chico Rei, bem como temas relacionados ao mito, como o congado, as coroações de reis no folclore brasileiro, em especial em Minas Gerais, as irmandades de homens pretos, principalmente a Irmandade do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz na antiga Vila Rica, a devoção aos santos católicos, como Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia e os supostos locais de passagem e permanência de Chico de Rei. Foi realizada análise crítica das diversas abordagens e formas como Chico Rei e outros temas ligados à sua lenda, são apresentados, tanto numa representação possivelmente fictícia, quanto a partir de estudos empíricos.

O objetivo deste artigo é buscar as origens do mito de Chico Rei a partir destes documentos escritos, tanto literários, quanto historiográficos, ou, ainda, transcrições de narrativas, possibilitando um melhor entendimento do surgimento deste mito. Objetiva-se também observar as ressignificações que a figura de Chico vem passando ao longo da história e a maneira como sua memória foi, e ainda é, evocada.

## **2. CHICO REI – HISTORICIDADE, LITERATURA, FOLCLORE**

Agripa Vasconcelos, em 1966, publicou um romance intitulado por “Chico-Rei: romance do ciclo da escravidão nas Gerais”<sup>3</sup>. Apesar de ser uma das poucas publicações que abordam Chico Rei como elemento central e ter despertado o interesse daqueles já tinham conhecimento do mito, essa não foi a primeira vez em que sua figura lendária foi mencionada.

Tarcísio Gaspar (2016)<sup>4</sup>, em sua tese sobre o Palácio Velho de Ouro Preto, destina um capítulo inteiro a Chico Rei, intitulado por “Lenda Admirável: história do mito Chico Rei”.

---

<sup>3</sup> Chico – “Rei: romance do ciclo da escravidão nas Gerais”. Foi escrito por Agripa Vasconcelos com a intenção de ser uma ficção baseada na tradição oral, tendo como personagem central, o rei da nação do Congo, chamado “Galanga”, traficada para o Brasil (...) se torna popular em Minas Gerais com apelido Chico Rei. Citado por: SILVA, R. A. Chico Rei Congo In: SILVA, V.G. “Imaginário Cotidiano e Poder- Memória afro-brasileira”, 2007.

<sup>4</sup> Tese de Tarcísio Souza Gaspar (2016), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas da USP, para obtenção de título de Doutor em História. Título: Tapanhuacanga em Ruínas- História do Palácio Velho de Ouro Preto.



Nesse capítulo, Gaspar traça uma interessante linha sobre as menções a Chico Rei a partir do início do século XX, até as pesquisas histográficas mais recentes.

A mais antiga menção a um “rei negro lendário” foi feita por Afonso Arinos<sup>5</sup>, em 1903 em uma comunicação lida pelo historiador na 14<sup>a</sup> sessão ordinária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nela, Arinos tratava um rei negro, capturado em África, junto com sua tribo, para ser escravo no Brasil nas minas das Gerais. Esse rei, à custa de muito trabalho, sem horas de descanso, comprou sua alforria. Em seguida, Arinos fala da fé desse rei e de sua empreitada na compra de alforrias dos negros de sua tribo,

[...] forro, reservou o fruto do seu trabalho para comprar a liberdade de um dos da tribo; os dois trabalharam juntos para o terceiro; os três para o quarto, e assim, sucessivamente, libertou-se a tribo inteira! (ARINOS, 2005 *apud* GASPARG, 2016).

Retrata também a construção da Igreja de Santa Efigênia, atribuída a Chico Rei, e o culto a essa lenda pelas gerações seguintes.

Em 1904, no mesmo período em que Arinos apresentou a comunicação no IHGB, Diogo Vasconcelos<sup>6</sup> publicou a obra “História Antiga das Minas”. Nessa obra, Vasconcelos trouxe uma nota de rodapé referente a Chico Rei. Essa nota foi inserida em um dos trechos do seu livro que tratava da condição dos africanos em Minas Gerais. O autor se referia ao trecho “*legenda* tão bizarra, quão verdadeiramente poética de Xico Rei<sup>7</sup>, que dominou Vila Rica”. Vasconcelos traz, mesmo que em uma nota de rodapé, elementos adicionais, informações que até o momento não haviam surgido a respeito de Chico Rei. Fala da família de Chico Rei, informa também o nome da Mina como Encardideira ou do Palácio Velho, descreve as festividades da coroação do rei negro, e ainda, relaciona a Irmandade do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz à Igreja de Santa Efigênia (VASCONCELOS, 1904 *apud* GASPARG, 2016, p. 527).

Dando continuidade ao texto de Gaspar (2016), ele ressalta o hábito comum dos historiadores da época em não revelar suas fontes, o que não deixa claro se o relato se trata de história ou ficção. Além disso, acrescenta que o uso da “tradição oral” e “tradições populares”

<sup>5</sup> Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), v. 67, 1904. Franco, A. A. de M. Histórias e Paisagens. Rio de Janeiro: S/E, 1921. Citado por GASPARG, T. S. (2016).

<sup>6</sup> VASCONCELOS, D. História Antiga de Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, p. 343-345. Citado por GASPARG, T. S. (2016).

<sup>7</sup> Na citação Chico Rei aparece escrito com ‘X’, “Xico Rei”. (VASCONCELOS, 1904 *apud* GASPARG, 2016, p. 527).



e a forma como o autor se refere a Chico Rei, enquanto *legenda*, traz a impressão de um conteúdo de origem mitológica.

Mário Behring publicou, em 1906, um artigo sobre Chico Rei a partir da obra de Diogo Vasconcelos. O artigo foi publicado na Revista *Kosmos*<sup>8</sup> onde Behring declarou uma visão positiva aos ideais da personagem (GASPAR, 2016, p. 529).

Em 1914, Carlos Góis publicou a obra infantil “*Histórias da Minha Terra*” que continha um capítulo inteiro sobre Chico Rei. Essa obra foi reeditada treze vezes até 1947. Chico Rei é trazido como rei negro, líder que libertou com alforrias muitos escravos através de recursos da Mina do Palácio Velho (GASPAR, 2016, p. 532).

Em 1918, Manuel Querino publicou um artigo no qual produziu uma narrativa sobre Chico Rei problematizando as irmandades de escravos no Brasil. O artigo “O colono preto como fator da civilização brasileira” foi pioneiro ao tratar a participação do negro na formação da sociedade brasileira, quinze anos antes de Gilberto Freyre.

Já em 1925, Mário de Andrade publicou o “Noturno de Belo-Horizonte”<sup>9</sup>, “um poema crítico sobre a contraditória modernidade mineira, corporificada nas características antagônicas da nova capital” (GASPAR, 2016, p. 533). Publicado na revista modernista *Estética*, no poema, Mário trata Chico Rei em tom de protesto.

O Triunfo Eucarístico abala chispeando...  
Os planetas comparecem em pessoa!  
Só as magnólias – que banzo dolorido! –  
As carapinhas fofas polvilhadas  
Com a prata da Via-Látea  
Seguem pra igreja do Rosário  
E pro jongo de Chico-Rei... (Andrade, M. 4.18-24).

“A partir dos anos 30, a atenção dispensada pela geração de Mário de Andrade, ao legado histórico de Ouro Preto, levaria a cidade para o foco da questão patrimonial, que então se gestava no Brasil” (GASPAR, 2016, p. 533-534). A ideologia modernista tinha como um dos fundamentos a cultura popular e as produções culturais dos negros, índios e mestiços. Como resultado, foram produzidas outras obras mencionando o herói Chico Rei, uma figura emblemática da cultura afro-brasileira, bem como da tradição mineira. Entre as obras, podem

<sup>8</sup> BEHRING, M. “Chico Rei (Episódio da História das Minas)”, *Kosmos*, ano 3, n. 6, 1906. O autor dedica em nota o artigo a Diogo Vasconcelos, sua referência para o Trabalho. Citado por GASPAR, T. S. (2016).

<sup>9</sup> ANDRADE, M. “Noturno de Belo-Horizonte”. *Estética*, ano II, v. 1, abr./jun. 1925, p. 235. Citado por GASPAR (2016). Material consultado na revista *Klaxon*, 1923, n. 6, p. 207. Estrofe 4, linha 18-24.



ser citadas a composição de Mário de Andrade “Maracatu de Chico Rei”, bailado por Francisco Mignone em 1933 e o “Guia de Ouro Preto”, de Manuel Bandeira, de 1938, onde o escritor e poeta menciona a história de Chico Rei para descrever a Igreja de Santa Efigênia.

Em 1935, Alcibíades Delamare publicou o livro “Villa Rica”, obra de fundo memorialístico, onde recontava as histórias dos bairros de Ouro Preto e onde foi dedicado um capítulo a Chico Rei.

Chegando em Gilberto Freyre, em 1936, em “Sobrados e Mucambos”, o autor se referiu a Chico Rei “como exemplo de ação pioneira, de teor cooperativista executada por escravos”. A obra de Freyre surgiu no mesmo período que a de Arthur Ramos. Na obra “A aculturação negra no Brasil”, de 1942, Ramos, discutiu a partir de Diogo Vasconcelos, as aventuras de Chico Rei, percebendo-a como narrativa localizada entre a história e a lenda (GASPAR, 2016, p. 537-536).

Na década de 50, a análise crítica sobre a realidade de negros e mulatos na sociedade brasileira passou a influenciar as produções da Escola Paulista de Sociologia<sup>10</sup>. Isso levou a saga de Chico Rei para o foco das ciências sociais, desviando seu viés lendário e folclórico até então valorizado. Chico Rei se ausentou, então, das investigações sociológicas. O interesse do momento era a análise dos impactos da escravidão sobre a sociedade (GASPAR, 2016, p. 539).

Apesar da ausência do mito Chico Rei, descrita anteriormente, em 1947, Sylvio de Vasconcelos, na época chefe do 3º distrito do DPHAN<sup>11</sup>, se interessou pela Mina do Palácio Velho. Compartilhando do mesmo objeto de interesse, 1955, Francisco Antônio Lopes, também ligado ao DPHAN, publicou uma obra sobre “O Palácio Velho de Vila Rica” e chamou a atenção para o fato de uma mina de ouro está listada entre os itens no interior da propriedade, a Mina do Palácio Velho, localizada na Encardideira, no antigo arraial de Antônio Dias”, (LOPES, 1955 apud GASPAR, 2016, p. 530). Sylvio Vasconcelos é quem em 1956 situa com precisão as ruínas do Palácio Velho, mas não há nenhuma menção da ligação entre o Palácio Velho e o mito Chico Rei. Em 1967, Sylvio Vasconcelos propôs a desapropriação do Palácio Velho por considerá-lo “a edificação mais antiga existente em todo Brasil, intacta em seus

---

<sup>10</sup> Escola de Sociologia e Política de São Paulo-SP. Criada em 27 de maio de 1933 por iniciativa de figuras eminentes da sociedade paulistana. Disponível em 07 dez 2018. Link: [https://www.fespsp.org.br/inst\\_institucionaln](https://www.fespsp.org.br/inst_institucionaln).

<sup>11</sup> DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) foi transformada em instituto (IPHAN), passando a se vincular ao DAC. Disponível em 07 dez de 2018. Link: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/55/instituto-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional-iphan-1970-1979-e-1994>.



remanescentes, ligada à história da administração colonial” e não menciona Chico Rei. Para Gaspar (2016, p?), “a omissão não deixa dúvida ao ceticismo de Vasconcelos na apreciação do mito [...]”.

E então chegamos a Agripa Vasconcelos, autor pelo qual iniciei este capítulo. No ano 1966, em uma obra de 240 páginas, Vasconcelos narra a saga de Galanga (Francisco da Natividade), Chico Rei. Vale comentar que apesar de trazer Chico Rei como um rei negro e herói, Vasconcelos apresenta influência das teorias racistas da Europa do século XVIII, com o uso de termos como “bárbaros”, “selvagens”, “pagãos”, e a apresentação de Chico Rei como “descendente da geração maldita de Chan”.

Marcos Magalhães de Aguiar, em 1993, usou de ironia ao falar na aquisição “do ouro doado por escravas que lavavam seus cabelos empoados de ouro na pia da igreja de Santa Efigênia”. Segundo Aguiar, em seus estudos sobre as confrarias negras de Vila Rica, no que se refere à construção da igreja de Santa Efigênia, “pelo menos metade das rendas auríferas “no século XVIII proviera das esmolas pagas por irmãos escravos e forros [...]” (AGUIAR, 1993 *apud* GASPAR, 2016)

Uma pesquisa que merece destaque é a que Lazaro Francisco da Silva empreendeu, em 1995. Uma pesquisa iconográfica partindo de relatos orais e memorialísticos, em que o autor concluiu empiricamente a presença de elementos iorubanos nos altares e em imagens pintadas no templo do Alto da Cruz, além disso, a misteriosa pintura de um Papa Negro<sup>12</sup> no forro da capela mor. Ao associar tais evidências iconográficas, registros documentais da Irmandade, narrativas folclóricas ligadas ao mito de Chico Rei e a atuações de resistência naquela localidade, Silva acredita no “sentimento de inconformismo dominante entre os negros da freguesia de Antônio Dias” (SILVA, 1995 *apud* GASPAR, 2016).

A primeira vez que Chico Rei aparece em um estudo sistemático é na pesquisa de Maria de Mello Souza, em “Reis Negros no Brasil Escravista”, em 2006. Nesse trabalho a autora historicizou a festa de coroação de reis negros e sobre Chico Rei discorreu: “pois se este não existe tal como conta a lenda, pode ter existido personagem semelhante, que deu origem a ela, que em tudo se adéqua às informações acerca de lideranças negras às quais era atribuído o cargo de rei” (SOUZA, 2006 *apud* GASPAR, 2016).

---

<sup>12</sup> Pintado no forro da capela-mor, poderia referir-se à cidade de Ifé, considerada o “Umbigo do mundo” na crença nagô, também chamada Roma Negra, porque pontificava o Papa Negro sumo sacerdote do Ifá. GASPAR, 2016, p. 545.



Entre os mais recentes autores a trabalhar com o mito de Chico Rei, temos Anderson Oliveira, citado na introdução desse artigo. Oliveira relacionou a devoção de Santa Efigênia e a Irmandade do alto da Cruz e discorreu que a coroação de Chico Rei marcou o comprometimento com as tradições de África, enquanto Santa Efigênia a realidade colonial.

Ao final do seu capítulo, Gaspar traz o trabalho de Alessandro Dell’Aira e sua surpreendente descoberta quanto à gravura de Rugenas<sup>13</sup>. Dell’Aira descobriu que a festa dos reis negros retratada por Rugendes se passara na mina do Palácio Velho. Apresentou também a crítica icnográfica que levou a identificar na gravura de Rugendas a possível representação de Chico Rei. Tal descoberta demonstra através da litografia de Rugendas que a irmandade do Alto da Cruz efetivamente serviu-se do Palácio Velho. Essa relação histórica muito se aproxima da lenda contada, podendo considerá-la, ao menos, verossímil, e, o mais importante, respaldada empiricamente.

### **3. MOVIMENTO NEGRO**

No campo da oralidade e do folclore, Rubens Alves da Silva desenvolveu um trabalho muito interessante através de pesquisas voltadas ao folclore, oralidade e observações de campo em várias cidades de Minas Gerais: “Chico Rei Congo do Brasil”, de 2007.

A primeira fala na abordagem de Silva é do folclorista Domingo Diniz que apresenta sua opinião sobre a existência ou não de Chico Rei. Em conversa, aparentemente solta, sem formalidades, Diniz comenta:

O único livro que eu conheço que fala sobre ele - que eu conheço, não quer dizer que não exista né - é do [Agripa Vasconcelos], que é ficção. [...] Alias, muita gente enche a boca aí [dizendo] que o congado é mineiro. Não é não. [...] Congado nasceu no Recife, em 1600 tem registro no Recife... Aqui foi a partir de 1700... Continua: Os congadeiros falam que começou com Chico Rei [...]. Também pode ter sido porque começou com as irmandades... (SILVA, 2007, p. 55).

Silva discorre que outros folcloristas, de antigamente, como Carlos Góis, Diogo Vasconcelos e Alcibíades Delamare, bem como, contemporâneos, como Saul Martins, Angélica

---

<sup>13</sup> Johann Moritz Rugendas (Augsburg, Alemanha 1802 - Weilheim, Alemanha 1858). Pintor, desenhista, gravador. Vem para o Brasil em 1821, como desenhista documentarista da Expedição Langsdorff. Abandona a expedição em 1824, mas continua sozinho o registro de tipos, costumes, paisagens, fauna e flora brasileiros. Disponível em 07 dez de 2018. Link: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/johann-moritz-rugendas>.



Rezende Garcia, Lúcia Machado de Almeida e Maria José de Souza, apontam Chico Rei como o introdutor do reinado na antiga Vila Rica, de onde a tradição teria se expandido para outras partes do território mineiro; eles criam uma imagem de liderança ligada à obediência e respeito, à “ordem social”. Já para Rapchan, destaca-se em contraste com essa abordagem, o trabalho da própria Maria José de Souza, que traz uma proposta de recuperação da figura de Chico Rei ao lado de Zumbi e Chica da Silva, ou seja, não só como líder congadeiro, mas como um símbolo entre os seus descendentes africanos (SILVA, 2007, p. 57).

A partir desse ponto, onde Chico Rei é apresentado como um símbolo de liderança negra do passado, chegamos em um cenário novo para a figura. Chico Rei é apontado por Silva como um importante figura na construção de uma identidade positiva dos descendentes africanos. Sendo assim, deixamos de lado a visão do negro somente como escravo, sofrido, conformado com sua condição, e temos um símbolo para negro, que hoje, combate às desigualdades e o racismo, deixado de legado, pela sociedade brasileira escravista. “Trata-se, portanto, de uma versão que aponta para outro sentido de construção simbólica do mito Chico Rei: agora como referencial político de afirmação identitária [...]” (SILVA, 2007, p. 57).

Em conversa com Rubens Silva, Ronaldo Antônio P. Silva, membro do Grupo Cultural Filhos de Chico, uma associação de empresários liberais, disse:

Eu interessei pela história de Chico Rei porque nós tínhamos um grupo aqui que foi criado a dois anos atrás pelo professor Pimenta, de profissionais negros [a] se reunir todo final de mês, [para] discutir sobre assunto da comunidade; [mas agora] eu estou pesquisando mais sobre quilombo no centro de Minas Gerais (SILVA, 2007, p. 71).

Na versão conhecida por Ronaldo, Chico Rei teria comprado a mina do seu Senhor, que na verdade já estaria improdutiva. Chico Rei, mesmo assim, se dedicou arduamente ao trabalho, de segunda a segunda, e por conhecer a produção aurífera desde o Congo, se tornou um minerador de ouro bem-sucedido e com seus recursos ajudou outros negros com a compra de suas alforrias (SILVA, 2007, p. 70-71). No contexto histórico, diferente de Zumbi, que traça uma resistência ativa, armada e assertiva, Chico seria uma líder que buscou dentro do próprio sistema uma forma de conquistar sua liberdade, bem como a do seu povo. Acredito que more aí, a identificação de movimentos negros, principalmente esses com viés empreendedor e com foco na ascensão social. Negros empreendedores que encontram no universo corporativo uma forma de “encontrar o seu ouro”.



Participei do projeto inicial de uma dessas associações na região das cidades de Congonhas e Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais, denominada Confraria, e em conversas com um de seus idealizadores, Julio Marcel, ele disse:

Lá, [no início da Confraria], falamos sobre em ter muitos negros em todas as esferas de poder, inclusive na política [...] não desisto da Confraria [...] enxergo que juntos os negros podem mais [...] No íntimo quase todos os brancos se acham melhores que os negros e não querem igualdade [...] Sempre achei que não gostavam de negros, apenas toleravam. Aliás, gostam desde que os negros estejam piores que eles. E encerra: - Sinceramente Sil, o problema dos negros é que eles não se protegem, tentam crescer e brigar sozinhos, como os brancos sabem disso, aproveitam bem isso. <sup>14</sup>(Trecho retirado de conversa com Júlio Marcel: WHATSAPP, dia out. de 2018).

A Confraria, abordada, tem seu fundamento histórico nas confrarias ou irmandades negras do Brasil Colonial. Embora não conheçam a fundo a História de Chico Rei, seus membros retratam Chico Rei como um líder negro forro que alforriou todos os seus confrades através da sua Irmanada.

#### **4. CONCLUSÃO**

Não se pode afirmar que existiu, ou não, esse Chico, rei em África, escravo no Brasil, posteriormente forro e dono de mina, comprador de alforrias, libertador de cativos e grande religioso. Entretanto, podemos afirmar e reafirmar a sua existência na memória do congado, no protagonismo literário, no imaginário popular e o uso da sua figura como representação de resistência do ativismo negro contemporâneo e na preservação da cultura afro-brasileira.

---

<sup>14</sup> Trecho retirado de conversa com Júlio Marcel. Fonte: Whatsapp, em 14 de outubro de 2018.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **Noturno de Belo-Horizonte**. São Paulo: KLAXON, Última Edição, 1923, n. 6. p. 207.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Biografia: Johann Moritz Rugendas**. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/johann-moritz-rugendas>. Acesso em: 7 dez. 2018.

FESPSP.org. **Escola de Sociologia e Política de São Paulo-SP: História**. Disponível em: [https://www.fespsp.org.br/inst\\_institucionaln](https://www.fespsp.org.br/inst_institucionaln). Acesso em: 7 dez. 2018.

GASPAR, Tarcisio de Souza. **Tapanhuacanga em Ruínas: História do Palácio Velho de Ouro Preto**. Tese de Doutorado, USP, 2016.

MACIEL, Júlio. A importância da Confraria. WhatsApp: Grupo Confraria. 14 out. 2018, 14:15. Mensagem de WhatsApp.

RESENDE, Maria Beatriz et al. **Dicionário do Patrimônio Cultural: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) 1970-1979 e 1994**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/55/instituto-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional-iphan-1970-1979-e-1994>. Acesso em: 7 dez. 2018.

SILVA, Rubens Alves. Chico Rei Congo do Brasil. In: SILVA, V. G. **Memória afro-brasileira: Imaginário, Cotidiano e Poder**. Rio de Janeiro: Selo Negro, 2007. v. 3.

Enviado em: 19/12/2020  
Aprovado em: 18/11/2020